



Tapeçaria “Meu último desejo”. Figurações em torno da vida de Joana D’Arc. | Imagem cedida pelo Museu de Cluny para a obra *Idade Média Desfragmentada* (Núñez; Vasques, 2025, p. 25)

Decolonialidade em sala de aula?

Resenha de *Idade Média Desfragmentada*: materiais didáticos para o ensino de História Medieval decolonial, de Pedro Hugo Conto Núñez e Márcia Severina Vasques

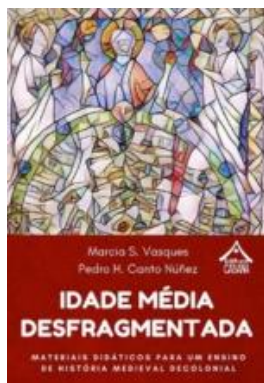
Recebido em 22/05/2026 e publicado em 20/06/2026

Suellen Gerlane da Silva (UFRN/SEED-RN)

Resumo: *Idade Média desfragmentada*: materiais didáticos para o ensino de História Medieval decolonial, escrito por Pedro Hugo Canto Núñez e Márcia Severina Vasques tem o objetivo de ampliar decolonialmente o ensino de História Medieval. Apresenta atividades complexas e fontes pouco ligadas ao Sul Global, limitando a ruptura com saberes hegemônicos, mas apresenta contextualização consistente, ampliação temática e valorização de perspectivas não eurocêntricas.

Palavras-chave: decolonialidade; ensino de História; Idade Média; material didático; eurocentrismo.

A obra *Idade Média Desfragmentada: Materiais Didáticos para o Ensino de História Medieval Decolonial*, de Pedro Hugo Conto Núñez e Márcia Severina Vasques, foi lançada em outubro de 2025 pela Editora Cabana. Propõe um material didático focado na construção de sequências didáticas. Seu objetivo principal é ampliar, de forma decolonial, o ensino utilizando objetos e fontes históricas em cada capítulo, para desfragmentar a Idade Média e descentralizar o viés eurocêntrico. A Tapeçaria do Unicórnio, *As Viagens de Marco Polo*, *Pantera Negra* (Disney, 2018) e *As Mil e Uma Noites* são citados em cada capítulo na tentativa de ampliar as discussões no Ensino de História, partindo da ideia de que os materiais didáticos e as práticas pedagógicas protagonizam a Idade Média com foco apenas na França ou na Itália. Os autores fazem questionamentos sobre esses materiais e defendem a desfragmentação do período descrito.



Pedro Hugo Conto Núñez é doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH/UFRN) e membro do Grupo de Pesquisa em História Antiga (ANTIQVA) da UFRN e Márcia Severina Vasques é professora de História Antiga da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e coordenadora do ANTIQVA.

A decolonialidade, abordada no título do livro, é um movimento do Sul Global cujo princípio básico é protagonizar sujeitos que foram inferiorizados pelos padrões eurocêntricos e pelo processo colonizador, enraizados pela colonialidade do poder, do saber e do ser. O primeiro capítulo apresenta uma proposta de atividade a ser

realizada em sala de aula, tendo como objeto de estudo a tapeçaria produzida no século XV na França. Faz uma contextualização espacial e temporal da fonte histórica com o intuito de facilitar a compreensão tanto do professor que irá executar a proposta didática quanto dos estudantes que irão desenvolver competências e habilidades a partir da temática proposta. A tapeçaria, composta por seis partes, é desmembrada e sua análise é realizada a partir de todos os personagens que a compõem, dentre eles humanos, animais e objetos, apresentando suas intencionalidades e mudanças de expressão dentro da obra. Apesar de apresentar muito bem a fonte e a obra de arte, a proposta de atividade é muito complexa, e o tempo dado para dialogar com os estudantes e apresentar o objeto foi de apenas duas aulas. Por se tratar de alunos do 6º ano, é necessário levar em consideração as adversidades da sala de aula, bem como as habilidades e competências necessárias para desenhar, fazer análises de sua própria história e relacioná-la com a comunidade. Dessa forma, torna-se uma tarefa que requer maior acompanhamento do professor junto ao aluno para ser realizada dentro da sala de aula. Diante do que foi proposto, desfragmentar a Idade Média para estudantes brasileiros é posicioná-los no viés informativo do conhecimento histórico, incluindo na discussão os saberes e fazeres dos povos que habitavam a América enquanto sujeitos de sua própria história.

O segundo capítulo emprega *O Livro das Maravilhas de Marco Polo*, na tradução e adaptação de Ana Maria Machado, como fonte histórica e desdobramento do planejamento da aula para turmas do 7º ano. Provocando o professor mediador para discussões sobre orientalismo e visões europeias do outro, conta, por meio das experiências das viagens de Marco Polo, o mundo medieval da China, datado entre os séculos V e XV, contextualizado a partir das dinastias. As dinastias Sui, Tang, Tang-Song, Song, Mongol e Ming foram apresentadas em seu processo histórico de desenvolvimento econômico, social e cultural, valorizando as expansões territoriais como garantia de poder e de conhecimento. A abordagem oferece uma exposição detalhada de conceitos, sempre esclarecendo que eles foram construídos a partir da visão europeia. Construção de canais, distribuição de terras,

Muralha da China, Rota da Seda, papel-moeda, jornal oficial, concurso público, confucionismo e budismo, dentre outros conceitos, foram abordados ao longo da contextualização do objeto-fonte, juntamente com outras fontes históricas que enriquecem o texto.

A narrativa do Livro que conta as viagens de Marco Polo valoriza o poder imperial e as relações que se estabeleceram não somente na Ásia: “navegadores chineses chegaram a lugares como Ceilão, Índia, Java, Sumatra, Malaca, Golfo Pérsico e África Oriental” (p. 78). Aquilo que normalmente aparece nos livros didáticos protagonizando a Europa como detentora do mundo medieval e desbravadora do mundo medievo é contraposto pela apresentação de uma sociedade hierarquizada, de impostos como a corveia, do trabalho na terra e de suas relações de poder, juntamente com um desenvolvimento intelectual e comercial que evidencia o mundo asiático, rompendo com uma versão única da história dentro da sala de aula, normalmente protagonizada apenas pela França. Contudo, questiono se, no continente americano, não existiam povos que mantinham contato entre si por meio da expansão de poder ou de relações comerciais. A proposta de atividade apresentada dialoga diretamente com as experiências de vida do aluno e de sua família: “Escreva ou narre uma viagem que você fez para um lugar distante. Diga o que é diferente da sua realidade e o motivo de você achar isso. Se não tiver viajado ou não se lembrar, pergunte para os familiares e seja você um Rustichello de Pisa!” (p. 77). Além de desenvolver a narrativa e colocá-lo como sujeito histórico ativo, a atividade desenvolve habilidades de leitura e escrita nos estudantes. Também propõe, em seu plano de aula, atividades interdisciplinares a serem desenvolvidas com o livro-fonte ao longo do ano letivo, cuja culminância poderá ocorrer em uma feira de ciências na escola.

No universo Marvel, tomando caminhos diferentes e promovendo o enaltecimento da cultura africana nos Estados Unidos, foi apresentado ao mundo, em 2018, o filme *Pantera Negra*. Este recurso é o objeto do terceiro capítulo, uma sequência de aulas para turmas do Ensino Médio. Aqui, o texto relaciona o componente curricular História ao conteúdo da cultura material africana, contemplando Medievo, Antiguidade e Modernidade em um planejamento dividido em quatro partes.

Discorrendo sobre cinco tribos, a narrativa se desenvolve em Wakanda, uma cidade fictícia, e no afrofuturismo – “Movimento artístico, cultural e filosófico que protagoniza pessoas negras vivendo em realidades tecnologicamente avançadas e livres de opressão e racismo” (p. 110). A Tribo Dourada, a Tribo das Fronteiras, a Tribo Mineira, a Tribo Mercante e a Tribo Jabari protagonizam os reinos africanos com todo seu aparato estético, econômico, político e cultural medieval em Mali, Gana, Songhai, Etiópia, Sudão do Sul, Namíbia, Quênia e Tanzânia, dentre outros reinos, hoje países. Priorizando a reflexão sobre os preconceitos construídos acerca da África, bem como questões de gênero e religião, o capítulo promove discussões que englobam o filme e o trabalho em sala de aula, na intenção de romper estereótipos e mostrar a complexidade e a diversidade de conhecimentos presentes na produção cinematográfica. Novamente, a proposta de atividade demonstra elevada complexidade, já que é solicitado aos estudantes criar individualmente um exemplo de afrofuturismo e, posteriormente, explicar os elementos que compõem a arte da cultura africana e a diversidade dos povos africanos, o que demanda acompanhamento docente durante o processo de produção.

O quarto e último capítulo do livro apresenta uma desconstrução conceitual, pejorativa e deturpada do mundo islâmico. Partindo da ampliação temática e territorial do que seria o Oriente Médio, procura romper com os estereótipos construídos a partir de bases epistemológicas europeias, utilizando mapas e contextualização histórica da expansão do islamismo ao longo do tempo. A análise parte dos modos de vida, costumes, culturas e

formas de manutenção do poder dos povos que viviam em regiões da Península Arábica, da Turquia e do Irã e que, ao longo do tempo e das conquistas territoriais, ampliaram sua influência para outros continentes, como África e Ásia: “uma forma de ver as interpretações locais no islamismo é observar as mesquitas medievais, com suas diferentes formas arquitetônicas e propósitos das comunidades locais” (p. 158). A pluralidade do mundo islâmico, bem como a valorização do conhecimento e das disciplinas de cunho religioso e seu entrelaçamento com outras religiões, são descritas e contextualizadas juntamente com a construção das mesquitas e a utilização da arquitetura local e temporal, facilitando ao leitor a desconstrução de uma visão singularizada desse mundo e promovendo a ampliação de conhecimentos que, atualmente, são frequentemente distorcidos com a finalidade de sustentar preconceitos. Como fonte histórica, *As Mil e Uma Noites* torna-se um facilitador da compreensão de uma cultura rica e repleta de valores do mundo medieval. Com base nos contos, a obra faz um detalhamento dos personagens para apresentar valores morais e filosóficos presentes no mundo árabe. Como a proposta de aula foi pensada para o Ensino Médio, sua execução prevê a verificação dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre Oriente Médio, árabes e islamismo e, a partir deles, a realização de pesquisas, organização do conhecimento, contação de histórias e debates, culminando em uma apresentação teatral.

A decolonialidade é uma teoria que busca a prática, a mudança no pensar e no agir, possibilitando novas formas de organizar o conhecimento dentro da sala de aula. Sendo professores e professoras de História, nosso papel sempre será o da autorreflexão sobre a própria prática e sobre os preconceitos enraizados, estabelecendo paralelos entre o conteúdo acadêmico e a realidade brasileira e local. Trata-se de proporcionar ao aluno um deslocamento do espaço social imposto para um lugar social possível. Contudo, mesmo com a intenção de oferecer aos professores e professoras da Educação Básica um novo olhar sobre conteúdos antes apagados das discussões presentes nos materiais didáticos, a obra não cumpre integralmente o objetivo esperado de desvincular-se do eixo da produção de saberes hegemônicos. E não podem dar conta da meta porque a escolha de objetos e fontes históricas que não pertencem ao Sul Global dificulta, a ampliação de outras formas de experiência e representação mais próximas da realidade dos estudantes, que deveriam emergir em implicações mútuas entre sujeito e objeto, bem como em representações de mundo situadas e posicionais do conhecimento. Ainda assim, identificar e discutir teorias e fontes históricas que se afastam de uma verdade única e absoluta para além dos eixos europeu e norte-americano é fundamental para que os estudantes possam reconhecer outras formas de ver o mundo e de ser no mundo.

Referências

VASQUES, Marcia Severina; NÚÑEZ, Pedro Hugo Canto. *Idade Média desfragmentada: materiais didáticos para um ensino de história medieval decolonial*. Ananindeua: Cabana, 2025. p. 204

Sumário de *Idade Média Desfragmentada* - Materiais Didáticos para o Ensino de História Medieval Decolonial

Apresentação

1. A Dama e o Unicórnio (Europa)
2. A China Medieval (Ásia)
3. O Pantera Negra ou a invenção dos africanos (África)
4. O Islã (Península Arábica)

Referências bibliográficas

Resenhista



Suellen Gerlane da Silva é doutoranda e mestra em História pelo programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Norte-RN. ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2804673301220112>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9516-3579>; e-mail: suellergerlane@hotmail.com.

Para citar esta resenha

SILVA, Suellen Gerlane da. Decolonialidade em sala de aula? Resenha de: VASQUES, Marcia Severina; NÚÑEZ, Pedro Hugo Canto. *Idade Média desfragmentada: materiais didáticos para um ensino de história medieval decolonial*. Ananindeua: Cabana, 2025. 204p. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 29, p. 43-47, maio / jun., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).